

A PREVENÇÃO DA MALÁRIA NA ETNIA MUNDURUKU

Resumo

Objetivo: Trata-se de um estudo cujo objetivo foi descrever a prevenção da Malária na etnia Munduruku, no Pará. **Método:** Utilizou-se a abordagem qualitativa e método descrito. Os sujeitos foram 15 indígenas de mesma etnia, de aldeias diferentes acometidos por esta enfermidade. **Resultados:** Os resultados e discussão desvelaram em 8 categorias: saneamento básico; conhecimento sobre a malária; assistência de enfermagem; tratamento adequado; diagnóstico; conhecimento dos profissionais; autocuidado e medidas de prevenção. **Contribuição para a Enfermagem:** O presente trabalho fornece a visão macro sobre a importância da atuação da equipe de enfermagem na conscientização no controle da doença e pode fornecer dados para possibilitar a compreensão do papel da equipe diante de casos de malária na etnia abordada. **Conclusão:** Conclui-se que a assistência da enfermagem para o tratamento especializado e para a conscientização no controle da malária foram fundamentais nos relatos dos participantes e que o trabalho da enfermagem apresenta um diferencial na etnia estudada.

Descritores: Malária; assistência de enfermagem e. etnia Munduruku

Eixo 2: Em defesa da sustentabilidade do SUS, da saúde e da vida em sua diversidade

Introdução

Muitos historiadores afirmam que nos primeiros encontros entre os indígenas brasileiros e as expedições exploratórias europeias houve intensa modificação na vida dos nativos. Não foram apenas mudanças sociais ou culturais. Com os colonizadores vieram também doenças desconhecidas pelo sistema imunológico dos índios. Desse modo, um simples caso de varíola, por exemplo, transformava-se rapidamente numa epidemia porque os indígenas não produziam anticorpos que combatessem tal enfermidade. Ao longo do tempo e com a convivência a imunidade dos índios mudou e seu organismo acostumou-se com as doenças trazidas pelo homem branco, no entanto, até hoje uma doença continua afligindo e matando muitos índios: a malária.

No Brasil, o maior número de casos de malária é registrado na região Amazônica, cujas condições ambientais e socioculturais favorecem a expansão de sua transmissão. Como essa região é o habitat natural da maior parte da população indígena do país, muitas comunidades indígenas são suscetíveis a infecção pelo *Anophele*. Entre esses povos pesquisou-se a etnia Munduruku que dominava culturalmente a região do Vale do rio

Tapajós, conhecida como Mundurukânia, durante o século XIX. Hoje são cerca de 11.630 indígenas distribuídos em cerca de trinta aldeias no sudoeste do estado do Pará².

Por tanto, este estudo partiu do seguinte questionamento de pesquisa: de que maneira se dá a prevenção da malária na etnia Munduruku?

Metodologia

A pesquisa foi realizada por abordagem qualitativa e método descritivo, na região do Pará, nas aldeias Santa Maria, Restinga, Teles Pires, na cidade Jacareacanga. A abordagem dos participantes deu-se somente após autorização do Comitê de Ética e Pesquisa- CEP, o local da pesquisa foi procurado para que assinasse o Termo de Autorização para Pesquisa.

Os participantes desse estudo são indígenas da etnia Munduruku, que vieram a contrair malária em qualquer época da sua vida. As entrevistas foram feitas no próprio ambiente em que vivem, pois é o espaço onde o portador de malária recebe o tratamento na maioria das vezes. Os participantes foram escolhidos aleatoriamente, obedecendo as seguintes etapas: divulgação da pesquisa; convite para pesquisa; sorteio dos participantes; abordagem aos escolhidos para a pesquisa. Para ser considerado como tal, atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ter sido diagnosticado de malária em algum momento da vida, gozar de plena saúde mental, estar disposto a participar da pesquisa, ser indígena da etnia Munduruku, residir na aldeia, ser maior de 18 anos, ter recebido tratamento adequado para a malária. E ainda, considerou-se para a pesquisa os seguintes critérios de exclusão: não ser diagnosticado de malária em nenhum período da vida, não gozar de plena saúde mental, não estar disposto a participar da pesquisa, não ser indígena da etnia Munduruku, não residir na aldeia, ser menor de 18 anos, não será fator de exclusão o indivíduo de raças, credos e culturas diferentes; opções sexuais e fatores sócios econômicos diversos.

Para este estudo foi realizada escolha aleatória dos indígenas da etnia Munduruku que foram infectados e tiveram malária, que residiam em qualquer uma das 3 aldeias e que aceitaram participar da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas sem definição prévia do número de participantes, foram apresentados para as mesmas o objetivo e a finalidade do estudo, onde, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE e escolheram o local e horário ideal para a realização da entrevista. Entrevista que se deu mediante o questionário com

perguntas abertas, onde os participantes ficaram à vontade para respondê-las, mantendo o anonimato.

Resultados e Discussões

No presente estudo, foram entrevistados 15 (quinze) sujeitos que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos e, a seguir, apresenta-se um panorama geral do perfil destes.

Foram divididas em 6 categorias onde constam os relatos dos entrevistados a respeito da assistência de enfermagem em relação à prevenção entre os Mundurucus, conforme a seguir:

CONHECIMENTO SOBRE MALÁRIA: A educação em saúde é uma excelente proposta para dar continuidade ao processo de sensibilização, no entanto deve ser realizado se possível de forma periódica, abordando os aspectos de maior relevância sobre a malária sempre com a participação da equipe de saúde, lideranças comunitárias, agentes indígenas de saúde- AIS e agentes comunitários de saúde- ACS, em parceria, se possível, com a equipe de educação.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM PACIENTES COM MALÁRIA: As ações implementadas envolvem diretamente os profissionais da enfermagem que contribuem para que os objetivos sejam alcançados, onde têm papel fundamental desde o primeiro processo de atuação, fazendo o levantamento dos casos suspeitos, bem como a notificação, o que possibilita o planejamento das ações estratégicas para o diagnóstico, chegando a uma abrangência satisfatória dentro das condições de acesso de cada polo-base e dos recursos disponibilizados para a intervenção. E segundo os entrevistados, o profissional precisa estar preparado para atuar na atenção básica à saúde indígena, identificar fatores de risco e atuar preventivamente, planejar e implementar, em conjunto com a equipe as ações e programas, realizar acompanhamento, supervisão e avaliação do agente indígena de saúde e do auxiliar de enfermagem.¹

TRATAMENTO ADEQUADO: Após a confirmação dos casos, se dá início ao tratamento dos pacientes diagnosticados, obedecendo ao protocolo recomendado para o tratamento da malária no Brasil, conforme preconiza o Ministério da Saúde, respeitando as particularidades de cada caso, isto é, cuidados diferenciados no trato com gestante, criança, e de acordo com a gravidade e tipo da infecção.

O tratamento da malária visa atingir o parasita em pontos-chave de seu ciclo evolutivo. Para atingir esses objetivos, diversas drogas são utilizadas, cada uma delas agindo de forma específica, tentando impedir o desenvolvimento do parasito no hospedeiro².

CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS SOBRE CUIDADOS: Os entrevistados acreditam que os profissionais que trabalham com saúde indígena têm pleno conhecimento a respeito da malária em todos seus aspectos e confiam que tais conhecimentos são imprescindíveis para que a detecção, tratamento e prevenção sejam concluídos com total êxito.

Considerando certa desconfiança inicial por parte das lideranças indígenas sobre as intenções e competências dos profissionais de saúde que desempenham as atividades no polo-base, é necessário que numa primeira aproximação, esses profissionais definam pormenorizadamente seus objetivos de ação e esclareçam ao público-alvo.

É interessante ainda, demonstrar interesse em trabalhar com o conhecimento tradicional dos povos indígenas como o uso de plantas medicinais, por exemplo. Tal gesto pode contribuir para a eficácia das ações e para estreitar a relação com os indígenas que perceberão o fortalecimento de sua cultura e o resgate de seus saberes ancestrais.³

AUTOCUIDADO: As mudanças trazidas pelos exploradores e, posteriormente, a aproximação dos centros urbanos tornaram os índios vulneráveis e suscetíveis a doenças, como é o caso da malária. Foi preciso ensinar os hábitos de higiene do homem branco e ainda hoje é necessário reforçar a importância de práticas saudáveis. Nas regiões endêmicas os profissionais de saúde trabalham com foco no esclarecimento do paciente, envolvendo e sensibilizando para a importância do autocuidado com medidas de controle da doença de forma a reduzir os impactos causados por esta.

O Ministério da Saúde afirma que o fato da população ter maior participação no seu tratamento está relacionado à informação que recebem sobre as manifestações clínicas da doença, sua gravidade e tratamento, os fatores determinantes e colaboradores de sua incidência e as medidas necessárias para diminuir esses fatores⁴.

MEDIDAS DE PREVENÇÃO: Para se desenvolver medidas de controle e prevenção da malária faz-se necessário conhecer alguns aspectos fundamentais da doença, viabilizando assim uma ação eficaz de acordo com suas peculiaridades. São orientadas as seguintes medidas de prevenção individual: uso de mosquiteiros impregnados ou não com inseticidas, roupas que protejam pernas e braços, telas em portas

e janelas, uso de repelentes. Além disso, devem ser evitados os locais de transmissão à noite.⁵

É importante ressaltar as medidas de controle e vigilância epidemiológica são pontos fundamentais no processo de redução dos índices da malária.

Contribuições da Enfermagem

Os profissionais de enfermagem vêm sendo um dos principais atores no atendimento primário, por exemplo, e esse estudo vem ressaltar a importância de um atendimento com mais clareza no atendimento a essa classe, que necessita de atenção para que consiga compreender e atuar ativamente em sua saúde. Possibilitando melhores profissionais, aptos no seu atendimento. Além disso, é possível fornecer informações sobre áreas que podem ser exploradas e carecem de maior atenção por parte da equipe de enfermagem.

Considerações Finais

O presente estudo atendeu aos objetivos propostos e destaca a necessidade da criação de novas políticas públicas de saúde que possam atender as necessidades da população idosa, principalmente as que apresentam dificuldades na utilização dos programas de saúde devido as suas dificuldades financeiras, seu baixo nível de escolaridade, situação de vulnerabilidade e muitas vezes ao despreparo da equipe de saúde quanto ao atendimento. Portanto, ao analisar as dificuldades citadas e compreendendo o que de fato acontece, fica claro que há necessidade de se criar novos estudos com o desenvolvimento de métodos que possam vir auxiliar no alcance a essa população.

A mudança demográfica no Brasil apresenta características diferenciadas e demonstra grandes desigualdades sociais no processo de envelhecimento. A importância de que novas pesquisas a respeito da população idosa sejam realizadas, uma vez que a expectativa de vida dessa população que vem aumentando, não pode-se mais tratar o envelhecimento apenas com medidas curativistas de tratamentos de doenças, mas sim enfatizar áreas que estimulem a promoção da saúde, prevenção de doenças e que possam gerar um aumento da qualidade de vida.

Referências

1. Brasil. Ministério da Saúde (BR). Política nacional de atenção à saúde dos povos indígenas. Brasília (DF): Fundação Nacional de Saúde; 2002.40 p.

2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Doenças infecciosas e parasitárias: Guia de Bolso. 8. Ed. Brasília, 2010.

3. Brasil. Ministério da Saúde (BR). Atendimento integral à saúde indígena. Brasília (DF): Fundação Nacional de Saúde; 1999-2001. Disponível em: URL: <<http://www.funasa.gov.br>>. Acessado em: 20 jan 20.

4. Funasa. Ministério da Saúde. Manual de Terapêutica da malária. Brasília, 2003. 2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Doenças infecciosas e parasitárias: Guia de Bolso. 8. Ed. Brasília, 2010.

5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Guia Prático de Tratamento da Malária no Brasil. Série A.

.